

OS ASES DE CATAGUAZES (*)

P.E. Salles Gomes

“Homenagem aos Homens que Agem

Tarsila não pinta mais
Com verde Paris
Pinta com Verde
Cataguazes

Os Andrades
Não escrevem mais
Com terra roxa
NÃO!
Escrevem
Com tinta Verde
Cataguazes

Brecheret
Não esculpe mais
Com plastilina
Modela o Brasil
Com barro Verde
Cataguazes

Villa Lobos
Não compõe mais
Com dissonancias
De estravinsquí
NUNCA!

(*). — Esse escrito é o sub-produto de uma pesquisa sobre a cidade de Cataguases e o cinema lá produzido até 1930. Não passa de um esquema, mas poderá ser de alguma utilidade para quem se dispuser a estudar o curioso fenômeno do modernismo cataguasense. P.E.S.G.

Ele é a mina Verde
Cataguazes

Todos nós
Somos rapazes
Muito capazes
De ir ver de
Forde Verde
Os azes
De Cataguazes

Poema de MARIOSWALD
(do livro inédito 'Oswaldario dos Andrades')" (1).

Numa primeira abordagem são considerados azes os que subscreveram o "Manifesto do Grupo Verde de Cataguazes", no segundo semestre de 1927 (O "Manifesto" não foi publicado no corpo da revista "Verde" Impresso em papel verde foi anexado ao 3.º ou 4.º número da revista).

Henrique de Resende: 28 anos, branco, da estirpe dos fundadores de Cataguazes.

Antonio Martins Mendes: 24 anos, branco, filho do Tesoureiro da Prefeitura de Ubá e de uma Carneiro. Sobrinho de de "Seu Amaro", o diretor do Ginásio de Cataguazes.

Ascanio Lopes Quatorzevoltas: 21 anos, branco, filho de um escrivão de Ubá e criado pelo padrinho, escrivão em Cataguazes.

Guilhermino Cesar: 19 anos, branco, filho de um farmacêutico vindo de S. Manoel (hoje Engenópolis) e de Tebas.

Oswaldo Abritta: 19 anos, branco, filho de um escrivão em Cataguazes.

Christophoro Fonte Boa: 19 anos, branco.

Francisco Ignacio Peixoto: 18 anos, branco, família de industriais de fiação e tecidos.

Camillo Soares de Figueiredo Filho: 18 anos, branco, filho de fazendeiro em Coelho Bastos.

Rosario Fusco de Souza Guerra: 17 anos, mulato, filho de um taverneiro.

Núcleo Inicial.

Excetuados o primeiro e o último, todos os outros se relacionaram literariamente no quadro do Ginásio (é preciso conhecer um pou-

(1) — *Verde*, Anno I, nº 4, Dezembro 1927, pág. 9.

co mais de perto a figura de pedagogo de Antonio Amaro, talvez um dos últimos da linhagem de Abilio Cesar Borges e seu sucessor João Florencio Gomes) e de seu Grêmio Literário Machado de Assis, em torno de 1925. Antonio Martins Mendes, bem mais velho do que os outros, era professor no Ginásio do tio e a animação do Grêmio Literário fazia parte de suas funções.

“O tema ‘modernismo’ foi agitado no Gremio por intermédio do ginásiano Camilo Soares de Figueiredo que, depois de atacar violentamente a literatura de Coelho Neto, fez o elogio da rebeldia estética personificada em Graça Aranha. (...) Formaram-se ao lado da ‘revolução’, desde a primeira hora, apoiando o seu agente provocador, Ascânio Lopes, Francisco Inácio Peixoto, Rosario Fusco, Guilhermino Cesar, João Luiz de Almeida, Oswaldo Abritta e Cristóforo Fonte-Bôa, todos membros do Gremio e alunos do ginásio” (2)

Trata-se de uma enumeração mais ou menos automática e não de verdadeiras lembranças. Rosario Fusco só bem mais tarde freqüentará o Ginásio e Ascanio provavelmente já tinha saído.

“Camilo Soares (...) Brigamos e discutimos muito, àquelle tempo, por causa do *Modernismo*. Era do contra. Isso, em 1924-1925”

Camilo Soares era no grupo certamente o mais revoltado e bri-guento. A favor ou contra, ele deve ter sido naquele momento uma figura central.

O que escreviam em 1924-1925?

Ascanio — “Serão do menino pobre”, “Ambiente de infância”, “O poeta da noivinha imaginária”, todos de 1924. “Balada do estudante que foi para a cidade grande” provavelmente de 1925, já em Belo Horizonte (foram reunidos no “Poemas Cronológicos” com a indicação dessas datas) Simples, moderno.

Abritta — Começou a publicar cousas em “O Cataguases” no começo de 1924. “Minha Terra”: “Ó terra de meus paes! Ó terra mais que as outras santa!” (1/1/24) e

(2). — Guilhermino Cesar e os “Ases de Cataguases”. Reportagem de Carlos Reverbel. *Revista do Globo*, Porto Alegre 27/7/1946. Transcrito no *Minas Gerais*, Suplemento Literário, 7/1/1967.

assim por diante. Em 2/3/24 a crônica “Rhodio” Epígrafe: “Todos nós somos destinados ao sofrimento” Tudo o que o jovem Abritta publica no jornal é ruim e convencional.

Guilhermino — Não vi por enquanto nada publicado por ele nessa época mas tem as cartas “literárias” escritas durante as férias para Francisco I. Peixoto: “Participo-te que me acho aqui nestas plagas cheias de luz, onde parece são mais vivificantes os raios de sol. Encontro-me entre a gente boa dos campos, engrinaldadas de flores encantadoras, aqui na terra dos sombrios urupês, trabalhadores rusticos que, herculeamente, trabalham para a riqueza de nosso estremecido Brasil. (.) a multidão garrula das borboletas irrequietas, tudo afinal que a natureza nos oferece ao olhar, numa festa perpetua de psalms, que são repetidos com variedade pelos passaros dentro das sebes verdeongas e atapetadas de flores, parece-me, sobretudo agora, um reino de paz e alegria ().

Os Outros — Nada. Precisa ser examinada a publicação “O Mercurio”, órgão da Associação Comercial, editado nessa ocasião. Guilhermino era o diretor. Tem a coleção em Porto Alegre. Não levo muito a sério as informações publicadas mais tarde sobre “O Mercurio”:

“Sem um órgão em que pudesse se expressar abertamente essa rapaziada invadia, ao menor descuido, as bisonhas publicações locais, contrabandeando as suas mensagens de guerra até mesmo no ‘O Mercurio’, que circulava com pompa de órgão oficial das classes conservadoras” (3).

“Em 1923, Guilhermino Cesar fundou o jornal ‘O Mercurio’, órgão da Associação Comercial, e que veiculava os poemas modernistas da rapaziada de então: Cristovão Fonte-Boa, Oswaldo Abritta, Martins Mendes, Francisco Inácio Peixoto e eu” (Rosario Fusco) (4).

Rosário Fusco.

Na ocasião moleque muito pobre só com curso primário. Família materna tinha conhecido um certo status. Avô: Benjamin Bonifácio de Souza Guerra, preto, rábula com biblioteca grande, livros em francês e latim. Escrevia um caderno: “Pensamentos Filosoficos” A filha dele casou com o taverneiro italiano, também chamado Rosario

(3) — Guilhermino Cesar e os “Ases de Cataguases”. *Idem*.

(4) — Depoimentos sobre a “Verde” *Minas Gerais*, Sup. Lit. 7/1/67.

Fusco, este ainda mocíssimo. Quando o nosso Rosario Fusco nasceu o pai já tinha morrido, aos 17 anos de idade! Mãe casou de novo: nível de vida extremamente modesto.

Rosario Fusco fez trabalhinhos aqui e ali desde menino. Por exemplo lavando vidros em farmácias, a de Domingos Tostes, a de Cesar, do “Vermicida Cesar”, o pai de Guilhermino. Através deste conheceu Francisco Ignacio Peixoto, depois Ascanio e em seguida os outros. Ainda sobravam cousas da biblioteca do avô, leu Aquilino Ribeiro e Abel Botelho (“safadezas”). Mas a adolescência foi marcada por Alphonsus de Guimaraens.

João Luiz de Almeida, mais velho, estudante de direito no Rio, com dinheiro, dava livros para Rosario Fusco. Este, como o pessoal do Ginásio, lia a revista “Para Todos.” que a Biblioteca Municipal recebia.

O que escrevia: são datados de 1925 “O Poema da minha tristeza”, “Sala de gente pobre”, “Serão interior”, “Domingo”, reunidos em “Poemas Cronologicos”

Henrique de Resende.

Henrique foi o último Vieira Resende que ainda teve preceptor francês. Em 1915 em Ouro Preto, onde fora para ingressar na Escola de Minas, se interessou por poesia e conheceu Alphonsus. Mais tarde foi estudar na Escola de Engenharia de Juiz de Fora, onde se formou.

Freqüentou a literatura juizforense, os antigos em torno de Belmiro Braga e os novos: Edmundo Lys, Wadi Jafet, Francisco Sales de Oliveira, Lage Filho, o caricaturista Delpino, etc. Em 1923 publicou “Turris Eburnea” na Monteiro Lobato: 1:400\$000. Simbolismo prolongado. Em 1925 está de volta a Cataguases trabalhando na Leopoldina. Casa e durante dois anos não poetará. Segue distanciado e meio vagamente o que acontece na literatura de Belo Horizonte, do Rio e de São Paulo: “A Revista”, Ronald, Ribeiro Couto, Guilherme. Em Cataguases ele se sente literariamente só, apesar de conhecer Martins Mendes e Guilhermino. (Mais sobre Henrique em “Estórias e Memórias”, págs 145/157).

1926.

Ascanio já se encontrava desde o ano anterior em Belo Horizonte estudando direito, trabalhando numa Secretaria, jogando, escrevendo

um pouco, adoecendo na casa de tuberculosos em que morava. Relacionamento com Carlos Drummond, Dornas, Nava, Emilio Moura. Aproximou-se mais de João Alphonsus. Não era aparentemente muito carteador. Mandou alguma coisa para o jornalzinho do Ginásio de que Guilhermino estava cuidando. (É “O Estudante?”).

Peixoto em 1926 também está em Belo Horizonte para estudar Direito. É ainda mais tímido do que Ascanio. Seus arquivos estão cheios de cartas: neste período sobretudo de Guilhermino Cesar e Camillo Soares. Vamos assim acompanhando as leituras do grupo: Paulo Setúbal, Alvaro Moreyra, Ronald, Guilherme, Tasso da Silveira (uma imensa admiração). Surgiu cedo implicância com Menotti. Todos leram “Jordão de Symbolos” do juizforense Wadi Jafet. E “Para Todos.” Essas as leituras gerais. Havia as pessoais, sempre literárias. As de Ascanio mais diversificadas: Freud, Voronof. Fusco aparentemente já estava se interessando por alguns nomes de São Paulo: Antonio de Alcântara Machado e talvez mais alguém. Guilhermino está intrigado com Marinetti. Quer conhecer a opinião de Belo Horizonte. Martins Mendes prepara um artigo contra os seguidores de Marinetti para publicar em “O Município” Um outro órgão, “O Cataguazes” já os atacara algumas vezes.

1927

Peixoto transferiu-se para o Rio. Guilhermino foi estudar em Belo Horizonte onde permanece Ascanio. Camillo Soares continua seus preparatórios ora numa, ora noutra cidade da Mata. Abritta também circula. Os outros permanecem por enquanto em Cataguazes. A correspondência é intensa sempre acompanhada de poemas, que são transmitidos aos outros, acabam sendo discutidos por todos. Há uma rede cerrada. Entre os temas que escapam da literatura sobressaem-se as moléstias venéreas.

Querem publicar. O objetivo n.º 1 é “Para Todos.” onde saíam Carlos Drummond, Guilherme, Tasso, Felipe d’Oliveira, Ribeiro Couto. A revista de Alvaro Moreyra e de J. Carlos, ambos muito admirados, O primeiro que consegue é Camillo Soares e depois pouco a pouco os outros. Cada “furo” é recebido com gritos de triunfo nas cartas. O esforço agora é passar das “Pagina dos Novos”, amarelas, para as mais nobres, acetinadas. E o ideal: ter o poema ilustrado por J. Carlos. Pouco a pouco vão conseguindo.

Apesar de muito ligados entre si os antigos membros do Grêmio do Ginásio não possuem uma fisionomia literária comum. Quem vai

provocar a cristalização vai ser Rosario Fusco, talvez o único dotado para a militância literária. Sozinho, ou apenas contando com Martins Mendes, Fonte Boa ou Abritta, o molecão de Cataguases não tinha muita chance. O momento decisivo é o encontro, procurado, com Henrique de Resende. Fusco manda-lhe poemas e o engenheiro-literato sai à procura do autor: encontra-o pintando o cartaz publicitário do cinema. Por carta, ou aproveitando o período de férias, Fusco vai pondo os companheiros — Camillo e depois Peixoto — em contato com o poeta da “Turrís Eburnea”

Henrique para Peixoto::

“Recebi. Você, ao que vejo, pensou que eu fosse medalhão. Fosse um sujeito que, pelo facto de haver publicado um livro passadista, com epigraphe latina, assumia ares albertooliverianos em face de um moço representante da modernidade. Mas enganou-se. E redondamente. Ora bolas. Que moço também eu sou. () Agora, uma cousa eu lhe digo. Estou espantado com esse movimento, essa floração cataguazense. Affirmo isso hoje ao Fusco em carta que lhe escrevo, sobre uns contos dells. Eu sempre tive ojerisa por isto aqui, no tocante a cousas de literatura. Vim de Juiz de Fora, do convívio gostoso de Lage Filho, Edmundo Lys e outros, para citar apenas modernos, — e modernos cutubas. E aqui me enfurnei. Pensava mesmo que por aqui só existissem o Alcantara, o Soares dos Santos e o Fenelon Barbosa. E ficava desolado com essa pobreza de gente e consequente mingua de idéas. Hoje — graças a Deus — vejo que não. Você está ahi. O Fusco, o Camillo. Mas, o mais engraçado é que vocês não fazem só numero, não. Vocês são poetas mesmo, ali na pírrica, como diria o Manoel Bandeira, entre golfadas de sangue rubro: Primeiro foi o Fusco. Eu pensei que era troça. Serio. Pensei mesmo. Troça? Marquei o bicho com lapis vermelho de ponta rombuda bem marcado, traço grosso. Depois o Camillo. Mesmo lapis. Mesma ponta rombuda. Mesmo traço grosso. Agora, você. Puxa! É engraçado. Eu nunca pensei... Dois anos e tanto sem nada escrever, um unico ve so! — amaldiçoando a esterilidade esterilissima de minha terra — e agora, sem + nem —, de um só tiro 3 poetas a cantarem coisas novas, novissimas (. . .)”

Diante de Fusco, Camillo e Peixoto, Henrique olhou com outros olhos para Guilhermino e os outros e recebeu a produção de todos com o maior interesse. O contato com os mais jovens fez renascer sua veia poética e viu-se líder incensado, notadamente por Rosario Fusco

(Henrique é um pouco o Graça Aranha do modernismo cataguesense, manobrado por Rosario Fusco).

Fusco:

“É de uma alegria doida a noticia de que o poeta-bem-amado vai apparecer de novo. (. . .) Henrique de Resende é o unico poeta mineiro que sabe viver o seu momento (. . .) (“O Cataguazes”, 19/6/27)

“Jaz-Band” (Jornalzinho de Fusco, agosto de 27):

“(. . .) — O homem, o Henrique, está ahi.

Que descoberta! ‘O Homem’ é o poeta Henrique de Resende... (. . .)

— O Henrique, o poeta da Turrís; até que enfim recebeu o appellido litterario.

E que alcunha: — o homem! (. . .)”

“Jaz-Band” só teve um número. Foi mesmo em “O Cataguazes”, órgão oficial do município, que os modernistas da cidade se instalaram graças à acolhida generosa do redator principal, o tabelião Soares dos Santos, considerado por eles como a própria encarnação do passadismo. Era e não era.

No contato com Henrique, Fusco se informou rapidamente sobre a história curta do modernismo, ficou sabendo muitos nomes, procurava conhecer as revistas que tinham existido pouco tempo antes, “Klaxon”, “A Revista”, “Esthetica” Estimulava, e informava, Peixoto no Rio e Guilhermino em Belo Horizonte. Pedia que lhe mandassem publicações. Insistia para que estabelecessem contatos literários. Peixoto continuava tolhido pela timidez.

“O Manuel Bandeira viajou dias atraz junto de mim no bonde. Elle táva lendo Fabulas de Fedro. Cheguei a ver até a dedicatoria que o autor fez para elle. *Namorei* o bicho até a hora em que desci cá em casa. Acho que elle desconfiou do *namoro*. Fiquei besta,, rapais, de conhecer o poeta-tisico” (20/9/27)

(Associar a “Com Manuel Bandeira num ônibus” de Fernando Sabino). 15 dias depois:

“Não quero o endereço do Manoel Bandeira, não. Eu tenho medo de falar com elle e.. perder a fala” (5/10/27).

Ascanio, por seu lado, publicara umas cousas (poema “Cataguazes” no “Diario de Minas” 6/3/27; artigo “Palavras” no “Cidade de

Piranga” — cidade da comarca de Mariana — 3/7/27; artigo “Cata-guazes”, “Diario de Minas”, 17/9/27) mas não funcionava como intermediário. Foi Henrique quem remeteu os poemas do grupo para Carlos Drummond que se interessou e logo começou a ser bombardeado com cartas sucessivas de Fusco, exigentes e depois queixosas:

Carlos Drummond:

“Meu silencio foi uma resultante das mil e uma diarias apor-rinhações da vida que levo, de fazedor do ‘Diario de Minas’, e não um signal de pouco caso ou de falta de camaradagem. Isso nunca. Eu posso dizer sem me gabar disso, que sou um homem que vive prá sua familia e pra seus amigos. Distante destes, calado, sem escrever, continuo gostando delles e os acompanhando com uma ternura melosa. Ora V faz parte de minhas preocupações sentimentais ha muito tempo. Antes de me mandar aquelle cartão e aquelles versos. Desde o dia em que li uma resposta sua ao ‘Cata-guazes’ do Ascanio (Resposta que não sahiu publicada no ‘Diario’ só porque encontrou a secção literaria extincta). Li gostei e tomei nota do seu nome. Depois disso tenho lido outras coisas suas. Umas ruinzinhas, outras regulares, outras boas. Continuo tendo uma bruta esperança em V., e é (em) nome de uma amizade que nem por ser fundada num principio de solidariedade es-piritual é menos seria e digna de apreço, que eu peço a V., Rosario Fusco, que não desminta nunca essa esperança. Ou essa confiança. Falo de igual para igual, porque não posso ser muito + velho do que você, e afinal a sua geração é a geração deste seu creado obrigado. E V. tem o direito de me fazer um appello identico — a mim e aos meus companheiros de turma — que estamos ameaçando fazer coisas serias ha uns bons quatro annos, e até agora nickles. Eu fico meio triste qdo penso que a preocupação de ganhar a vida vae me desviando subtilmente de meus projectos literarios, e que o meu povo está endireitando pelo mesmo caminho. Não sei o que será de nós. Mas Deus é grande, não é? Vamos todos trabalhar, Rosario Fusco. Não sei si vale a pena dar uma opinião particularizada sobre os 4 poemas que me enviou, depois que já dei uma opinião larga e sincera sobre você. O resto é detalhe. Em V o que me interessa antes e acima de tudo é a sua mocidade capaz de produzir. (. .) Um abraço circular para a turma e um bem puxado, para V., significando o inicio official de uma camaradagem que eu espero durar quarenta anos (quantos pretendo ainda viver) (. .)” (12/9/27).

Henrique explica para Fusco que para facilitar os contatos torna-se necessário uma publicação bem feita e não um jornalzinho. Fusco

põe-se em ação e abandona a idéia de uma expressão de caricaturas ligada a um festival poético e musical, uma espécie de Semana de Arte Moderna local, destinada a chocar a burguesia cataguasense. Escreve para vários lados, arranja anúncios ajudado pelo respeitável Martins Mendes, pressiona Henrique que acaba entrando com dinheiro. Informa pouco os ausentes a respeito de suas atividades, alguns se magoam, outros ficarão surpreendidos com o primeiro número de “Verde” que tem a data de setembro de 27, saiu depois. Todos os “azes” estão no sumário: Henrique, Fusco, Guilhermino, Mendes, Camillo, Mendes, Peixoto, Abritta, Fonte Boa. As outras colaborações vêm de Belo Horizonte, Juiz de Fora, Ubá: Carlos Drummond, Emilio Moura, Edmundo Lys, Martins de Oliveira etc. O primeiro número foi estritamente mineiro. Será o único.

Alargamento.

Peixoto fica estupefato com as notícias que recebe de Fusco, juntamente com o primeiro número da revista:

“Fiquei grógui quando soube que vocês ahi já mantem correspondencia com o Mario, o Alcantara, o Milliet etc. Mas rapaz! Que furo! Que furão! É o caso para se babar!” (5/10/27).

O primeiro com quem Fusco se corresponde é Antonio de Alcântara Machado, que aceita colaborar e sugere que convidem também Mario, Oswald, Couto de Barros, Sergio Milliet, Prudente de Moraes Neto. Todos irão colaborar em “Verde” Mario, Alcântara e Prudente terão pela revista um carinho especial. Tentam arranjar anúncios, conseguem assinantes e depositários, mandam dinheiro do próprio bolso, comentam cada número, fazem sugestões de todo tipo. (Reuni cópias de um certo número dessas cartas. Oferecem margem para desenvolvimento). Além da simpatia desses escritores pelos “azes”, lembrar que o modernismo no momento se encontrava sem revista (verificar melhor). De qualquer maneira a repercussão de “Verde” se explica pelo fato da publicação cataguasense ter se transformado em dado momento no ponto de confluência do modernismo brasileiro já praticamente triunfante. Alfonso Arinos não sossega enquanto não se vê publicado em “Verde” Sergio Buarque redige um manifesto em favor do grupo de Cataguases, colhe as assinaturas encabeçadas por Manoel, depois perde o papel.

Publicidade para os “azes” Carta de Martins de Oliveira:

“Uma cousa quero contar a vocês, aqui entre nós. Eu tenho perto de 15 anos de esforços literarios, logrando muitas vezes bel-

las amizades. No entretanto nunca vi um trabalho meu em letra de forma, nas revistas favoritas do Rio, a não ser um poema ou outro publicado em 'O Malho', ha muitos anos, ou na 'Revista Moderna', de São Paulo. Vocês, não. Nasceram hontem, e hoje dominam francamente. É a sorte. " (14/11/27)

É que "Para Todos. " se abria para os "Verdes", agora com ilustrações de J. Carlos. Marques Rebello pede que colaborem em "Saibam Todos" Mario e Oswald escrevem a homenagem. Eugenia Alvaro Moreyra inclui Fusco e Peixoto em seu repertório. (A importância das declamadoras para eles: Berta Singerman, Angela Vargas). Schmidt enciumado com a repercussão dos "Poemas Cronologicos" de Henrique, Fusco e Ascanio. Os do Norte se interessam pelos "Verdes": Zé Américo, Ascenso, Jorge de Lima. Tristão de Ataíde tenta conquistar o grupo, através de Rosario Fusco. Fala da necessidade de "rejuvenecer o catolicismo, sem cair no *modernismo* religioso", recomenda leituras. Sente que está ganhando terreno (Fusco fundará mais tarde o Centro D. Vital em Cataguases, de curta duração):

"Precisamos mesmo lançar as nossas ideias contra-revolucionarias de *modo* revolucionario, pois a atenção de nossos contemporaneos já anda tão embotada, que só mesmo lançando-lhes em rosto as nossas verdades com a audacia com que os revolucionarios hoje procedem com as suas theorias demolidoras"

Mas os "azes", na época, não cuidavam de ideologias. Fusco correspondia aos avanços mas sem muita consequência. Tristão para ele e para os outros era sobretudo uma figura literária, o crítico do modernismo. Como era literário o respeito de todos os modernos mineiros por Jackson (o poema de Carlos Drummond no 1.º aniversário da morte). (Alusão aos contatos sul-americanos: alguns uruguaios e o grupo argentino da recém-extinta "Proa" — Borges).

Visão verde do modernismo.

Foi no decurso da publicação da revista que os azes foram tomando pé na situação. No primeiro número "mineiro" da revista, o artigo mais teórico é o de Henrique. Ele queima as devoções de pouco tempo atrás na seguinte ordem de importância: Semain, Rodenbach, Mallarmé, Verlaine, Wilde. Preserva Alphonsus pelo silêncio. Ataca o "sr. academico pharmaceutico Alberto de Oliveira" de uma maneira que em 1927 já nos pareceria antiga se em 1935 o jovem moderno paulista Sangirardi Jr não o tivesse feito exatamente nos mesmos termos.

E aí Henrique aborda “a moderníssima geração” pondo no mesmo saco Oswald, Mario, Graça Aranha, Ronald, Guilherme, Ribeiro Couto e de cambulhada Blaise Cendrars. Depois desses Belo Horizonte: João Alphonsus, Carlos, Abgar, Emilio Moura, Pedro Nava. Em seguida Juiz de Fora: Lage Filho, Edmundo Lys, Theobaldo de Miranda, Rubem Moreyra etc. E agora Cataguases e seus “azes”

O quadro que Rosario Fusco enxerga não é assim tão harmonioso. Ele se confessa aturdido com o

“banzé damnado que a gente de peso na Arte Moderna vem fazendo actualmente”

Fica chocado com os ataques de Prudente a Plinio Salgado, de Sergio Buarque a Graça, Ronald e Renato de Almeida e assim por diante. Seu artigo se chama “É preciso paz na arte moderna” Algumas semanas depois estará envergonhadíssimo de tê-lo escrito e sobretudo publicado. Começaram a chegar as lições de São Paulo:

Antonio de Alcântara Machado:

“Quem está completamente errado é o Martins de Oliveira. É preciso distinguir modernismo verdadeiro de modernismo falso. Não modernismo de futurismo. Porque a diferença entre estes últimos é evidente. Entre eles a distinção já está feita há que tempos. Na lista *Os combatentes da hora* verifiquei assombroso uma confusão desastrosa. Couto de Barros modernizante? Modernizante quem dirigiu *Klakson* e escreveu *A mulher que virou infinito*? Paulo Prado moderno? Paulo Prado é uma das primeiras forças da intelligencia brasileira de hoje. Mas nunca foi moderno ou antes vanguardista. É um historiador de visão moderna sem duvida. É um dos brasileiros mais modernos no gosto e no juizo. Em literatura é um simpatisante. Não quer ser e não é outra cousa. Tem um lugar apartado no movimento. Não deve ser posto do lado de Mario e Oswald por exemplo no torvelinho da luta. / Cassiano Ricardo moderno? Ai-ai-ai! ai-ai! Cuidado, gentes. Cautela, pessoal. Distinga, menina. / Graça Aranha moderno? Nossa Senhora de minha devoção: elucidate a rapaziada. / Outra cousa: Godofredo Rangel e Ildefonso Falcão colaborando na *Verde*. Bom. Já estou eu de novo metendo o nariz (alias pequeno) onde não fui chamado. Prefiro não dizer nada. (.)” (5/12/27).

Mas logo dirá:

“O diabo é o tal de Ildefonso Falcão. É intransigentemente imbecil. Nunca vi” (11/1/28).

Os literatos da Mata ligados ao grupo continuam escrevendo longas cartas paternais mas perdem terreno a cada dia. Martins de Oliveira, cuja “Patria Morena” logo vai ser recebida com as maiores reservas:

“Eu entendo que nós, poetas, amamos a harmonia e que temos o rythmo. (. . .) Nelle está o *allure*, que o separa da prosa. As dissonancias não podem compatibilisar-se com a harmonia. Não podem, pois, ser o que a poesia é. Logo se em verso não admitimos *encontros fortes*, iterações inconvenientes, é claro que havemos de dar coisas harmonicas aos nossos ouvidos. Eu disse que o encontro de *poema matinal* não é cacophato. Muito menos hiato. Mas é incontestavel que é uma dissonancia. Dissonancia desagradavel a ferir diretamente o ouvido. (. . .) Nosso modernismo está ficando infelizmente, indisciplinado, desordenado. E eu temo que até a morte está rondando a cidadella. É bem possivel, aliás, a historia se repete: o futurismo foi por agua abaixo com as bobagens do Marinetti. Depois dos futuristas aparecem os *modernistas*”

Gastão de Almeida, professor de português em Visconde do Rio Branco, escreve para Fusco:

“Você deve acostumar-se com o Alcantara. Essa gente ‘pôlista’ — como disse o Tristão — é um povo empolado, metido a besta, senhor do Brasil, sem ser coisa nenhuma mais do que nós mesmos. Isso é questão de mar. De gente do litoral. (. . .) Eu me rio do Menotti trouxa a fazer o *controle* da prosa aphrodisiaca de Vargas Villa, roubando beijos e gallos de Rostand e repetindo Julio Dantas. Agora: os moços de São Paulo são uns regionalistas bem engraçados. Veja você Rosario que o Oswaldo Pau Brasil tem o cerebro cheio de tudo quanto é Blaise; o Guilherme é um passadista moderno que recebeu os elogios de Alberto de Oliveira, por causa de uma Salomé safada: o senhor Mario de Andrade tem repetido tudo quanto diz o senhor Berthovard sobre simultaneidade e polyphonismo; o Alcantara que é bem (palavra ilegível) está fazendo sucesso com um tal Gaetaninho — que cheiro de italiano — do Braz, Bexiga e Barra Funda. É só isto? Não! Tem um que vale. Vale mesmo de verdade. É Cassiano Ricardo, caçador de papagaios vestidos de fraque para a grande festa do casamento das cidade com os campos. Bonito, hein? (. . .)”

(No que se refere a Menotti não havia problema: o grupo tinha cismado com ele desde o começo. Camillo Soares entra em contato com ele e o enterra. Escreve para Peixoto:

“A carta do Menotti Del Pichia é a pura carta do burguês. Fala até em saúde”).

É claro que quando havia contradição entre os conselhos do interior de Minas (do burrego sensato Martins de Oliveira ou do inteligente confuso Gastão de Almeida) e os de São Paulo, Fusco e os outros optavam pelos últimos. O diabo é quando surgiam certas coincidências.

Martins de Oliveira:

“Parece-me que o modernismo está morrendo. Ora, você, Rosario, deverá, antes de tudo, procurar aparelhar-se em caso de naufragio da arca de Noé do modernismo. Deve estudar os modelos classicos, e procurar conhecer a fundo a metificação, e todo o mecanismo da poesia velha. Conhecendo você todos os modelos do passado, os *segredos* (ah! pensa você que não ha segredos na poesia velha?), os *mysterios*, estará fatalmente apto para comprehender a malleabilidade da poesia modernista”

Mario de Andrade:

“Sabe no que estou matutando? Que não ficava nada mal pra você estudar um pouco um tratado de versificação bem idiota que nem o do Osorio Duque Estrada. E o de Castilho tambem. Você colhia lá uma porção boa de noçõesinhas que jamais não serão inúteis sob o ponto de vista de melodisação de versos, coisa muito importante em arte. Em toda e qualquer arte tem a parte artificio que por mais que repugne a você que tem 17 anos, existe tanto em Picasso como em Dante ou Osorio Duque Estrada”

Mario logo tornou-se para todos os “azes” o mestre principal. Carlos Drumond os encorajara nessa direção. Para Fusco:

“Você está numa phase de procura intensa que é cheia de inquietações, eu sei. Vou lhe dar uma receita que é infallivel nessas e noutras aperturas: use Mario de Andrade. É o melhor remedio do mundo. E não falha nunca”

O último a ser totalmente conquistado foi Guilhermino Cesar:

“O filho da mãe do raio do Mario é homem de cultura. chi Nem gosto de pensar nele, não, Peixoto, porque a gente fica pensando como é que um brasileiro mulato pode armazenar e espalhar tanta cultura com intelligencia e sympathia. Estou doido mesmo pelo Mario” (17/5/28).

(Mario e Minas. “A Revista”, Carlos e os outros. Depois os “Verdes” Mais tarde a geração da 2ª guerra: Sabino, Helio Pellegrino, Oto Lara, Sábado Magaldi)

Até o fim do movimento nenhum “Verde” escapará da esfera de influência de Mario. Quando surge a cisão Mario X Oswald a simpatia que Peixoto tenta manifestar pelo suplemento antropofágico do “Diário de São Paulo” é logo sufocada. Uma entrevista que Peixoto remetera, por intermédio de Guilhermino, para ser publicada no “Diário de Minas” (Carlos Drummond) continha a seguinte frase:

“Eu agora quero ver a obra de saneamento que alguns rapazes da Capital pretendem fazer com a recente instalação aí de uma sucursal do *Posto Antropofagico de São Paulo*”

Guilhermino censura a passagem e explica para o amigo:

“Você ha de me perguntar porque. Primeiro porque esse posto não eziste; até o Alcantara me escreveu, em resposta, sobre isso, e me pediu para não tocar nos antropofagos do Diario de São Paulo. Convem deixar que eles se apodreçam por si mesmo. É bem verdade que tem havido cantadas e mais cantadas de um sujeito chamado Clovis de Gusmão, um amazonense cretino mas adesão não houve, por parte de ninguem. A não ser um artigo de Vivacqua, mas isso não pode ser considerado como tal. Carlos e João Alphonsus não querem nem ouvir essa gente. Por isso acho que esse seu periodo deve ser suprimido. Não convem tocar nesse povo. Conselho tambem do Alcantara. (. . .) Si de todo não quizer, virá contrariar muita gente, sem razão. Contrariar com coisas tão sem importancia é pau, imagine sem motivo para isso. Não me chame de besta sem receber a minha outra carta explicativa direitinho. Espero que você mude o periodo ou mesmo o corte de todo”

Em 27/5/29 Guilhermino volta à carga:

“Bopp propôs ao Dornas uma sucursal da Antropofagia em Belo Horizonte, coisa já proposta ao Carlos e até ao João Alphonsus, que não responderam nada. Os paulistas tentaram até pagar 200\$000 pro pessoal movimentar a sucursal. Ninguém aceitou, está claro. Mas em vista de tanta fornicção, inda mais fortalecida por um tal Clovis de Gusmão, o Achilles (Vivacqua) caiu sem sentir com uma colaboração. Vai os homens de São Paulo sapecam: Sucursal do posto de antropofagia. Coisa que parece a quem está de fora um sinal de ora está tudo muito bem. Depois resolvemos lançar Leite Criolo e os paulistas ou melhor o Sr. Clovis de Gusmão propos a gente rotular o coitado assim: sucursal do clube de antropofagia. Ninguém foi na onda (.) Depois é besteira do Oswald e Bopp estarem com essas rivalidadezinhas. Oswald já estava ficando esquecido, precisava fazer barulho e focalisar o seu nome, vai arranja essa besteirada contra Mario e Alcantara, os quais a gente pode não seguir cegamente mas é obrigado a aplaudir. Dois homens que trabalham como sabem trabalhar e estão mesmo modificando a atmosfera da nossa gente de letras. Falei tanta cousa inutil só para afirmar ainda mais que você não teve razão quando botou aquele periodo de fogo na sua entrevista. ()”

(Mario em suas cartas não toca diretamente nesses assuntos, mas os outros agem).

Um Movimento?

Entre 1927 e 1929 os “azes” publicaram além de seis números de “Verde” alguns livros de poesia: “Poemas Cronológicos”, de Ascanio, Fusco e Henrique; “Meia Pataca”, de Peixoto e Guilhermino; “Fruta do Conde”, de Fusco e “Treze Poemas” de Martins Mendes. Acrescentando-se o material, desses e dos outros “azes”, disperso em muita publicação periódica, tem-se uma volumosa produção durante o período. Não acredito que a parte de prosa tenha um interesse muito grande apesar da personalidade curiosa que Camillo Soares manifesta em muitas cartas. Quanto à poesia eu me pergunto se é justificado o interesse exclusivo que a história literária tem manifestado por Ascanio Lopes. De Fonte Boa não há quase nada, Abritta é muito ruim, Martins Mendes muito secundário e Henrique quase sempre também. Fusco, Peixoto e Guilhermino, porém, notadamente o primeiro, merecem melhor sorte. Não vou enveredar por esse terreno. Pergunto apenas aqui se os “azes” constituíram um movimento. Foram vistos como tal na ocasião e depois. (Eles próprios procuraram enxergar-se como tal). Mas quando Mario procura caracterizar “Verde” de forma metódica,

ele se concentra no aspecto nacional que assumiu, isto é, o menos característico:

“Os dois grupos mineiros, o de Belo Horizonte e o de Cataguazes, se distinguem enormemente como psicologia coletiva. O de Cataguazes, certamente não pode apresentar figuras de valor pessoal tão notável como Carlos Drummond de Andrade na poesia e João Alphonsus na prosa. Porém teve uma realidade muito mais brilhante, e principalmente uma acção muito mais interestadua e fecunda. No fundo, os artistas de Belo Horizonte era muito mais capitalistas do que poderiam supor. E de fato o grupo se dissolveu no individualismo, e teve apenas a função burguesa de nos apresentar pelo menos dois escritores de grande valor. O grupo de Cataguazes não produziu quem se compare com esses, mas com a revista Verde conseguiu a um tempo centralizar e arregimentar o movimento moderno do Brasil, coisa que a Revista de Belo Horizonte não conseguira. Esta selecionava valores. A Verde denunciava as investidas da idéia modernista no país. A Verde chamava às armas, ao passo que a Revista nomeava generais. Eis capilismo e socialismo em oposição.. ” (Diário Nacional 10/7/32)

A idéia de movimento, de grupo, implica um tecido de relações que resulta numa fisionomia com alguma unidade. Os jovens do Ginásio fazendo literatura no Grêmio sugerem isso. Mas “Verde” não são eles. “Verde” é a ação de Fusco mais a boa vontade envaidecida de Henrique. Os vínculos Peixoto-Guilhermino, Camilo-Peixoto, Mendes-Guilhermino, Camilo-Guilhermino, e outras combinações possíveis são linhas emaranhadas que não envolvem a revista. A estrutura de “Verde” é a teia construída por Fusco com as linhas que o ligam diretamente a cada um dos interessados. Excetuado, por motivos óbvios, o eixo com Henrique, nenhum outro funciona plenamente. Fusco praticamente ignora Martins Mendes, provoca o ódio de Camillo, esfria com Guilhermino. As relações com Peixoto são mais equilibradas. Fonte Boa e Abritta não tinham muito empenho. Ascanio já começara a morrer.

Quando Fusco achou útil lançar um manifesto com a assinatura de todos, o documento, escrito com a colaboração de Henrique, não tem o que dizer. Afirma que o grupo não tem nada a ver com o modernismo estrangeiro ou nacional (!) e que cada signatário é diverso dos outros. Eu só os sinto identificados, no fim do período, diante da morte de Ascanio (número especial e último de “Verde”). O sentimento de Guilhermino expresso em 1936 devia corresponder aos de quase todos. Para Peixoto:

“Oh! Chico como estou perto daquele ano de 1928 (. . .) Você talvez não me compreenda bem, mas o facto é que eu me sinto hoje muito mais *verde* do que naquela época (...)” (20/7/36).

Nunca foram sequer unificados pela rejeição da sociedade local, apesar da ilusão que procuraram nutrir a respeito.

Os “Verdes” e a Cidade.

“Vamos ser incompreendidos e criticados”, dizia o primeiro número de “Verde” e a idéia será retomada muitas vezes. Não aconteceu nada disso. Foram recebidos de braços abertos não só pelo país mas pela cidade. “O Cataguazes” abre suas páginas para os novos da terra e em seguida para os de outras cidades, inclusive do Rio (Marques Rebello constante). Os “azes” dizem horrores de Soares dos Santos nas cartas mas o velho tabelião, jornalista e poeta não cessa de elogiá-los. Os livros dos “verdes” são vendidos às dezenas na papelaria da cidade. O comércio distribui anúncios pela revista (relutam em pagar mas isso é normal para quem conhece os hábitos da cidade). Em pouco tempo Henrique ocupa o lugar de Soares dos Santos como orador oficial de ocasiões festivas ligadas às artes. A ambigüidade do modernismo de Henrique deve ter facilitado mas o fato é que a cidade se orgulhou muito de seus “azes”

Depois.

(Talvez umas linhas rápidas sobre o que aconteceu com cada um).

Henrique de Resende: Tentou política a favor de Washington Luiz Julio Prestes nas vésperas da revolução de 30. Longa carreira burocrática no Rio. Ministério da Fazenda. Continuou publicando volumes: versos, ensaio (Alphonsus), memórias. Pedido de aposentadoria na forma de um soneto parnasiano.

Antonio Martins Mendes: carreira na magistratura mineira.

Ascanio Lopes: Depois de sanatórios em Belo Horizonte veio morrer em Cataguazes no começo de 1929.

Guilhermino Cesar: Foi parar no Rio Grande do Sul. Romance, muita coisa sobre literatura e história gaúcha. Trabalhos literários de erudição. Depois desse tempo toda a saudade de Minas e da mocidade só fez aumentar.

Oswaldo A Britta: Não chegou a publicar em volume os seus horríveis versos. Morreu tuberculoso nos começos de 30, juiz no interior mineiro, em luta contra poderosos.

Fonte Boa: O único bonito, formou-se em direito em Belo Horizonte e sumiu.

Francisco I. Peixoto: Na trilha da família tornou-se industrial. Levou para Cataguases a arquitetura de Niemeyer e Portinari (painel Tiradentes) Dois ou mais livros de contos. Um livro de viagens que li com muito interesse. Aposentado em Cataguases.

Camillo Soares: Trabalhou um livro de contos durante anos. Emprestou os originais a alguém que o publicou com o próprio nome. Ultimamente publicou um livro de versos. Mora em São Paulo. Acho a vida dele curiosa. Um dia quero vê-lo.

Rosario Fusco: É o que teve mais carreira de escritor. Muito romance, alguns começam a ser traduzidos. Sábado gosta do teatro dele. Aposentado em Cataguases. Quando ele e Peixoto se comunicam é por minha causa.